

14º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2023

MATERNIDADE COMPULSÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL FEMININA

MARIA ISABELLA SILVA MATOS BATISTA

Estudante do Curso de Produção de Áudio e Vídeo Integrado ao Ensino Médio, Bolsista de Iniciação Científica, IFSP, Campus Avançado São Paulo - São Miguel, mariaisabellasilva000@gmail.com

Área de conhecimento (Tabela CNPq): Ciências Humanas

RESUMO: Compreender a maternidade como construção social e histórica permite captar a dinâmica dos papéis de gênero e as representações valorativas a eles atribuídas numa sociedade marcada pela desigualdade estrutural entre homens e mulheres. Partindo do relato de Sue Klebold em sua obra autobiográfica *O acerto de contas de uma mãe*, a presente pesquisa tenta dar conta da maneira como nela é representada a maternidade, assim como em obra ficcional que a ela remete, o longa-metragem estadunidense *Precisamos falar sobre Kevin*, dirigido por Lynne Ramsay. Pretende-se analisar ambas as produções a partir de três abordagens teórico-conceituais: a perspectiva histórica de Elisabeth Badinter em *O mito do amor materno*; a microsociologia de Erving Goffman, em especial os conflitos entre *identidade social virtual* e *identidade social real*; e as discussões contemporâneas acerca da *maternidade compulsória*, realizadas por pesquisadoras do campo das comunicações a partir de pesquisas empíricas sobre discursividades e performances de jovens mães em redes sociais digitais diversas. A intenção é buscar compreender como as duas obras selecionadas problematizam uma visão hegemônica da maternidade a partir de uma situação extrema de violência - e o potencial crítico dessas representações.

PALAVRAS-CHAVE: maternidade; identidade social; relações de gênero; representações sociais.

Compulsory motherhood and female social identity

ABSTRACT: Understanding motherhood as a social and historical construction allows us to capture the dynamics of gender roles and evaluative representations attributed to them in a society marked by structural inequality between men and women. Starting from the account of Sue Klebold in her autobiographical work *The Reckoning of a Mother*, the present research tries to account for the way in which motherhood is represented, as well as in a fictional work that refers to her, the American feature film *We Need to Talk About Kevin*. It is intended to analyze both productions from three theoretical-conceptual approaches: the historical perspective of Elisabeth Badinter in *The Myth of Maternal Love*; the microsociology of Erving Goffman, in particular the conflicts between virtual social identity and real social identity; and contemporary discussions about compulsory motherhood, carried out by researchers in the field of communications from empirical research on discourses and performances of young mothers on diverse digital social networks. The intention is to seek to understand how the two selected works problematize a hegemonic vision of motherhood from an extreme situation of violence - and the critical potential of these representations.

KEYWORDS: mothering; motherhood; gender relations; social representations.

INTRODUÇÃO

O momento contemporâneo é inegavelmente resultado de avanços nas lutas das mulheres, visto que é dada ênfase à conscientização sobre a importância do debate a respeito de papéis sociais femininos e acerca das desigualdades de gênero em diversos âmbitos. Contudo, os temas *maternidade e amor materno* ainda causam estranheza quando questionados. Até o presente é bem comum que mulheres escutem “Quanto você vai ter filhos?”, “Você não quer ter filhos?”, “Mulheres são programadas para serem mães, é a vontade de Deus” etc.

Não apenas isso, mas todo esse meio faz com que a mulher se sinta culpada e incompleta se optar por não ter filhos, o mito de “amor materno” como apontado por ELISABETH BADINTER (1985) é levantado a todo momento. A maternidade acabou se tornando algo por vezes compulsório e romantizado, numa sucessão de eventos e experiências vivenciadas por mulheres que, quando questionadas sobre o porquê de terem tido filhos, podem mostrar-se incertas ou reticentes. Ou quando dizem que estão cansadas de todo o trabalho que uma criança gera, são julgadas por uma moralidade que impõe a maternidade como um paraíso feminino.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar as representações de maternidade nos livros *O acerto de contas de uma mãe* (2016) de Sue Klebold, e *Precisamos Falar sobre o Kevin* (2003), romance de Lionel Shriver, e também na adaptação cinematográfica homônima deste último, à luz de teorias acerca da construção histórica da maternidade enquanto identidade social e da crítica contemporânea à maternidade compulsória. Busca compreender as relações entre maternidade e sofrimento feminino em perspectiva sócio-histórica e refletir acerca da relevância de produtos da indústria cultural enquanto representações de novas valorações da identidade social materna;

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa se inicia com revisões bibliográficas sobre maternidade enquanto construção sócio-histórica, identidade social materna e maternidade compulsória. Com isso, temos arsenal conceitual para realizar análise sistemática, por meio de seleção de trechos após leitura completa, de adaptação cinematográfica de Lynne Ramsay para romance de Lionel Shriver, com foco na representação da maternidade e, em seguida, análise comparativa com o romance de Lionel Shriver. Até o momento (a pesquisa está em andamento) foram produzidas reflexões teóricas relacionando a maneira como a maternidade é apresentada ao público no contexto europeu, principalmente da obra de referência de Badinter) à investigação sobre performances de mães em redes sociais à partir dos tensionamentos acerca do que significa ser mãe – nos discursos de mães e de não-mães. Já as obras ficcionais trazem essa construção de maternidade e como o amor materno não é instantâneo e muitas vezes inexistente, mostrando como uma mulher pode acabar desistindo de si mesma para tentar ser a mãe perfeita e seus filhos podem tomar caminhos diferentes dos esperados pelos pais – e que tipo de responsabilidade pode ser a eles atribuída por isso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa ainda está em andamento, em fase de pesquisa bibliográfica de textos, para que possamos entender melhor a maneira como a maternidade e papéis sociais femininos foram construídos. É evidente que esse tema passe por diversas esferas, como social, religiosa ou cultural, causando impactos quando colocadas nessas perspectivas. Se, com Badinter, levantarmos tais indagações sobre

papéis sociais femininos e a maternidade no meio religioso, nos deparamos com falas bíblicas proclamando que “marido e mulher eram iguais e partilhavam dos mesmos direitos e deveres em relação aos filhos”. Dessa forma pode-se dizer que as funções de criar e educar os filhos eram partilhadas entre o casal, a mulher não era a principal figura no quesito de cuidado e afeto dos filhos. Apesar de tudo, tal discurso não era seguido de forma igualitária por todos, até o fim do século XIII, na França, a igreja declara o número de direitos ofertados às mulheres com diversas limitações. A figura do marido continuava a ser de provedor da família e autoridade principal, mesmo que o pai ferisse gravemente seus filhos, poderia não sofrer grandes consequências.

Aristóteles, por sua vez, teve um papel bastante relevante no quesito de reforçar essa figura do marido e do pai como um símbolo de grande autoridade, seguindo o pensamento que existem indivíduos pré-dispostos a mandar e a obedecer. O filósofo também partilhava do pensamento que a menstruação era o material que o esperma provia, portanto a inteligência e todos os atributos eram passados pelos homens. Jacques-Bénigne Bossuet, teólogo e escritor francês, também reforçou os pensamentos de Aristóteles confirmando a doutrina da desigualdade natural, levando em consideração a superioridade a ordem de geração, que carrega muito o pensamento religioso de que Adão veio primeiro do que a Eva e foi por culpa dela que os dois foram expulsos do paraíso, ela é sempre responsabilizada pelos pecados de Adão. Bossuet baseava-se no discurso de equilíbrio entre o rei e o Deus Pai, onde a monarquia e a autoridade do pai fossem um direito natural, além disso resultando na autoridade política um direito divino irrefutável.

Observando por tais perspectivas podemos concluir que durante esse período a figura da mãe e da maternidade eram desvalorizadas, apenas a figura parental era vista pela sociedade, nesse período as figuras da mulher e dos filhos tinham estatuto diminuído de maneira semelhante quando comparadas às do pai, o provedor da família e “dono” de esposa e filhos.

O que se busca com o presente trabalho é entender como a maternidade se transformou de maneira rápida com o passar dos séculos. Se no século XVII o ato de amamentar seus filhos era algo mal visto pela sociedade, como no século XXI se tornou algo “obrigatório” e satisfatório para a vivência materna – o que a análise de obras de arte e relatos pessoais diante de fatos extremos de violência pode contribuir. Na já mencionada dissertação de Ana Luiza observou-se as reações negativas quando uma mãe relata sua vivência materna de maneira não romantizada. Muitas citam como se sentem sobrecarregadas com as cobranças da maternidade, não conseguindo separar um momento do dia para elas mesmas, desistindo de sonhos e se sacrificando para o cuidado dos filhos.

CONCLUSÕES

A pesquisa ainda encontra-se em andamento estando na fase crucial onde as leituras e reflexões estão sendo relacionadas e, de forma ainda preliminar, confrontadas ao material empírico. Apesar disso podemos concluir que a maternidade compulsória traz um discurso sobre como as mães devem se dedicar em tempo integral para os cuidados com os filhos, resultando assim que com o passar do tempo muitas mulheres acabam se esquecendo e se dedicando exclusivamente aos trabalhos domésticos, largando seus empregos, deixando de ter um momento apenas seu. No entanto, quando a mulher decide não largar o seu emprego e continuar no mercado de trabalho depois de ter filhos, ela é muito julgada e vista como uma “mãe ruim” ou “uma mãe que não quer criar os próprios filhos”, situações essas que não ocorrem com o pai da criança, os homens por muitas vezes passam despercebidos e não recebem esses mesmos questionamentos e julgamentos na mesma intensidade que as mulheres. Há também um pano de fundo ideológico que intensifica as cobranças às mães: a apologia da performance máxima, típica do neoliberalismo em sua maneira de produzir subjetividade, que incita as mulheres a serem perfeitas mães, perfeitas trabalhadoras, perfeitas parceiras sexuais e

perfeitas mantenedoras de um corpo saudável e desejado – a ser perfeitamente narrado em ambientes virtuais como redes sociais. Essa múltipla compulsoriedade à perfectibilidade gera conflitos internos e identitários, com consequências diversas.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Elisabeth Badinter; Ana Luiza Figueiredo Souza; Sue Klebold; Lynne Ramsay; Lionel Shriver foram as principais fontes para coletas de dados e reflexões da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor orientador por me guiar perante esse percurso de desenvolvimento dessa pesquisa. O IFSP Instituto Federal de São Paulo e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

Badinter , Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. 370 p.

Figueiredo Souza, Ana Luiza de. **Tensionamentos maternos na contemporaneidade**: articulações com o cenário brasileiro. Revista Crítica de Ciências Sociais (online e impressa), n. 123, p. 47-68, 2020.

Klebold, Sue. **O acerto de contas de uma mãe**. São Paulo, Verus, 2016.

Precisamos falar sobre Kevin. Direção de Lynne Ramsay. Paris Filmes, 2011. 1 DVD (112 min.).

Shriver, Lionel. **Precisamos falar sobre Kevin**. São Paulo, Intrínseca, 2007.